

Hermann Hesse

## Knulp

Três histórias da vida de um andarilho

posfácio  
Ferréz

tradução  
Julia Bussius

**todavia**

**Knulp**

Início da primavera

Minhas memórias de Knulp

O fim

Como Hermann Hesse salvou minha vida

Ferréz

Autor

Créditos

## Início da primavera

No início dos anos 1890, nosso amigo Knulp teve de passar algumas semanas no hospital. Recebeu alta em meados de fevereiro, quando fazia um tempo horrendo, de modo que, passados poucos dias de caminhada, já voltara a ficar febril e logo precisou encontrar abrigo. Como nunca lhe faltaram amigos, ele encontraria sem esforço uma acolhida amistosa em quase todas as cidadezinhas das redondezas. Porém Knulp era curiosamente orgulhoso em relação a esse tipo de coisa, tanto que, quando aceitava algo assim, os amigos consideravam uma grande honra.

Desta vez ele se lembrou do peliceiro Emil Rothfuss, em Lächstetten, em cuja porta fechada bateu quando já era noite, sob chuva e um forte vento oeste. O peliceiro entreabriu a persiana do andar de cima e gritou em direção à rua escura: “Quem está aí? Não pode esperar até que esteja de dia?”.

Ao ouvir a voz do velho amigo, Knulp logo se animou, apesar de todo o cansaço. Lembrou-se de alguns versinhos que havia composto anos antes, quando ele e Emil Rothfuss caminharam juntos por quatro semanas, e logo começou a cantá-los diante da casa:

*Sentado numa pousada  
Está um andarilho cansado  
Ninguém mais, ninguém menos  
Que o filho pródigo retornado*

O peliceiro escancarou a persiana e se debruçou para fora da janela.

“Knulp! É você ou um fantasma?”

“Sou eu!”, gritou Knulp. “Mas você pode descer pelas escadas, não precisa saltar da janela!” Com uma pressa alegre, o amigo desceu, abriu a porta da casa e iluminou o rosto do recém-

chegado com uma pequena lamparina a óleo, o que o fez piscar.

“Agora entre!”, ele gritou, entusiasmado, guiando o amigo para dentro da casa. “Depois você me conta tudo. Ainda sobrou um pouco do jantar, e você tem direito a uma cama. Meu Deus, mas que tempo horrível! Suas botas são decentes, pelo menos?”

Knulp deixou que ele fizesse perguntas e se admirasse. Ainda parado na escada, desdobrou com cuidado a barra da calça e subiu confiante através do breu, apesar de fazer quatro anos que não entrava na casa. No corredor de cima, diante da porta da sala, hesitou um instante e deteve pela mão o amigo que queria fazê-lo entrar. “Escute”, sussurrou, “agora você é casado, não?”

“Sim, isso mesmo.”

“Pois bem. Veja, sua mulher não me conhece, pode ser que ela não fique feliz. Não quero incomodá-los.”

“Imagine se incomoda!”, Rothfuss riu, escancarou a porta e empurrou Knulp para a sala iluminada. Sobre a grande mesa de jantar pendia o enorme lustre a querosene, preso por três correntes; pairava no ar uma leve fumaça de tabaco, que ascendia em colunas finas em direção ao cilindro quente, onde rapidamente rodopiava e desaparecia. Sobre a mesa viam-se um jornal e uma bolsinha cheia de tabaco e, na parede oposta, a jovem dona da casa levantou-se do pequeno canapé com uma alegria parcial e constrangida, como se tivesse sido perturbada num cochilo e não quisesse disfarçar. Knulp ficou piscando por um instante, como se ofuscado por uma luz forte, viu os olhos cinza-claros da mulher e apertou sua mão com um cumprimento gentil.

“Aqui está ela”, disse o mestre peliceiro sorrindo. “E esse é Knulp, meu amigo Knulp, sabe?, sobre quem já conversamos. Claro que ele é nosso convidado e ficará com a cama do aprendiz. O quarto está vazio. Mas primeiro vamos beber uma sidra juntos, e Knulp também precisa comer. Ainda temos linguiça de fígado, não?”

A esposa do mestre saiu da sala e Knulp a acompanhou com o olhar.

“Ela ficou um pouco assustada”, disse ele, baixinho. Mas Rothfuss discordou.

“Vocês ainda não têm filhos?”, perguntou Knulp.

Nesse momento, a mulher retornou trazendo a linguiça num prato de estanho. Repousou-o ao lado de uma tábua de pão, que tinha no centro meia fatia de pão preto, cuidadosamente posicionada com a casca para cima, e em cuja borda se lia, talhada em círculo, a inscrição: “O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE”. “Lis, sabe o que Knulp acaba de me perguntar?”

“Deixe isso pra lá!”, disse o convidado. E se voltou sorridente para a dona da casa: “Veja, eu tomo muita liberdade, minha senhora”. Mas Rothfuss não quis deixar barato.

“Ele perguntou se nós não temos filhos.”

“Ah, bom!”, ela disse sorrindo, e logo tornou a sair da sala.

“Vocês não têm?”, perguntou Knulp, enquanto ela estava fora.

“Não, ainda não. Ela não está com pressa, sabe?, e nos primeiros anos isso é o melhor a fazer. Mas vamos lá, aproveite a comida!”

A mulher voltou trazendo a jarra de sidra de faiança cinza e azul, colocou três copos e logo os encheu. Fez tudo com destreza, enquanto Knulp a observava e sorria.

“Saúde, amigo velho!”, bradou o mestre e ergueu seu copo para Knulp. Ele, porém, era galante e disse: “Primeiro as damas. À sua saúde, minha senhora! Tim-tim, meu velho!”.

Eles brindaram e beberam. Rothfuss estava radiante de alegria e, com uma piscadela para a mulher, perguntou se havia notado como seu amigo tinha excelentes maneiras. Ela notara havia muito.

“Veja só”, disse ela, “o sr. Knulp é mais polido que você, ele conhece os bons costumes.”

“Ah, por favor”, disse o hóspede, “cada um faz do jeito que aprendeu. No que diz respeito às boas maneiras, sinto-me até envergonhado diante da senhora. Que linda mesa foi posta, como nos hotéis mais refinados!”

“Não é mesmo?”, sorriu o mestre, “porém isso ela também aprendeu.”

“Ah! E onde? O pai da senhora é proprietário de uma

estalagem?”

“Não, faz muito tempo que ele bateu as botas, eu mal o conheci. Mas trabalhei durante alguns anos na Ochsen, não sei se o senhor conhece.”

“Na Ochsen? Esta costumava ser uma das estalagens mais elegantes de Lächstetten”, elogiou Knulp.

“E ainda é. Não é verdade, Emil? Quase todos os nossos hóspedes eram caixeiros-viajantes e turistas.”

“Eu acredito, minha senhora. Sem dúvida a senhora viveu coisas boas e ganhou bem por lá! Mas ter o seu próprio lar é muito melhor, não é mesmo?”

Devagar, e com imenso deleite, Knulp espalhou o conteúdo macio da linguiça no pão, colocou a pele vazia do embutido na borda do prato, e, de tempos em tempos, tomava um gole daquela boa sidra amarela. O mestre o olhava com admiração e respeito, o modo como suas mãos delicadas executavam os movimentos necessários com tamanha graça e limpidez, e a dona da casa também teve prazer em observar.

“Mas você não está com um aspecto muito bom”, Emil Rothfuss começou a criticá-lo, e assim Knulp precisou admitir que estivera mal nos últimos tempos e ficara internado no hospital. No entanto, não contou nada mais constrangedor. O amigo perguntou o que pensava em fazer agora e carinhosamente lhe ofereceu uma mesa e um teto pelo tempo que quisesse; era exatamente isso que Knulp queria e com o que contava, mas ele pareceu acometido por um ataque de timidez, agradeceu brevemente e adiou a discussão dessas coisas para o dia seguinte.

“Podemos falar sobre isso amanhã ou depois de amanhã”, disse com displicência, “graças a Deus o mundo ainda não vai acabar, e devo ficar mais um pouquinho por aqui, de todo modo.”

Ele não gostava de fazer planos ou promessas a longo prazo. Quando não tinha os dias seguintes inteiramente ao seu dispor, não se sentia bem. “Caso eu precise ficar aqui por mais tempo”, recomeçou, “você vai ter de me aceitar como seu ajudante.”

“Essa é boa!”, gargalhou o mestre. “Você, como meu

ajudante! Mas você não sabe nada sobre o ofício de peliceiro.”

“Não importa, você não entende? Apesar de ser um belo trabalho manual, não entendo nada de curtume, não tenho nenhum talento para o trabalho. Mas seria muito bom para a minha caderneta de viajante, sabe. Eu poderia até receber um auxílio-saúde.”

“Posso ver sua caderneta?”

Knulp alcançou o bolso interno do seu terno quase novo e sacou o objeto de lá, cuidadosamente guardado num estojo impermeável.

O mestre peliceiro o olhou e sorriu: “Sempre impecável! Quem vê pensa que você saiu ontem da casa da sua mãe”.

Então ele examinou as anotações e os carimbos oficiais e balançou a cabeça com profunda admiração: “Mas veja que organização! Tudo seu tem um toque de nobreza”.

Manter a caderneta em ordem era uma das atividades favoritas de Knulp. Com seu aspecto imaculado, ela apresentava uma ficção graciosa ou mesmo uma poesia, e os registros oficiais que trazia indicavam estágios realmente gloriosos de uma vida honrosa e esforçada, na qual apenas o *wanderlust*, o prazer das viagens, se fazia notar, sob a forma de constantes mudanças de lugar. Knulp inventara para si uma vida certificada por esse passaporte oficial e, com grande arte, dera continuidade à sempre ameaçada trama de sua existência ilusória — na realidade, ele havia feito poucas coisas realmente proibidas, mas levava a existência ilegal e desobediente de um andarilho desempregado. É verdade que ele não teria tido toda essa sorte de continuar sem grandes incômodos com sua bela ficção se não fosse tão benquisto pelos policiais. Na medida do possível, eles deixavam em paz aquele sujeito alegre e conversador, cujas superioridade de espírito e seriedade ocasional respeitavam. Ele quase não tinha antecedentes criminais, nunca fora condenado por furto ou por mendicância e possuía amigos respeitáveis em toda parte; então o deixavam passar, como se fosse um belo gato que pode morar numa casa muito arrumada, que todos toleram com indulgência, enquanto ele vive livre e despreocupado, elegante, maravilhosamente aristocrático e sem ter nenhum

trabalho no meio daquelas pessoas esforçadas e aflitas.

“Mas vocês já estariam há muito tempo na cama se eu não tivesse aparecido”, disse Knulp, recolhendo seus papéis. Levantou-se e fez um cumprimento à dona da casa.

“Vamos, Rothfuss, mostre-me onde fica minha cama.” O mestre o acompanhou iluminando a escada estreita que levava ao quartinho no sótão. Havia a armação de uma cama de ferro vazia encostada na parede e, ao lado, uma cama de madeira já arrumada.

“Você quer uma botija de água quente para aquecer a cama?”, perguntou o dono da casa, com um tom paternal.

“Só me faltava essa”, riu Knulp. “O senhor mestre com certeza não precisa de uma, já que tem uma esposinha tão linda.”

“Sim, isso mesmo”, disse Rothfuss com entusiasmo, “e agora você vai para sua cama gelada no quartinho do sótão, e às vezes pode ser até pior, às vezes não há cama nenhuma e você precisa dormir sobre o feno. Mas tipos como eu têm casa, trabalho e uma mulher simpática. Veja, você podia ter se tornado um mestre há muito tempo, até melhor do que eu, bastava querer.”

Nesse meio-tempo, Knulp havia se despido com pressa e se metido, tremendo, debaixo da gélida roupa de cama.

“Você ainda tem muito a dizer?”, perguntou ele. “Agora que estou bem deitado, posso escutar.”

“Eu falei sério, Knulp.”

“Eu também, Rothfuss. Mas você não pode achar que o casamento foi uma invenção sua. Bem, tenha uma boa noite!”

No dia seguinte, Knulp permaneceu na cama. Ainda se sentia um pouco fraco, e o tempo estava tão ruim que mal tinha vontade de sair de casa. Pediu ao peliceiro, que esteve com ele pela manhã, que o deixasse repousar tranquilo e que apenas lhe trouxesse um prato de sopa ao meio-dia.

Assim, passou o dia inteiro no lusco-fusco do sótão, quieto e satisfeito, sentindo desaparecer o frio e os incômodos causados por suas caminhadas, e se entregou com prazer ao bem-estar de uma cálida sensação de segurança. Escutou o diligente bater da

chuva no telhado e o vento que se movia inquieto, suave e morno, com seus golpes caprichosos. De tempos em tempos, dormia meia hora ou, caso houvesse luz suficiente, lia algo de sua biblioteca de viajante; essa consistia em folhas nas quais ele tinha escrito poemas e provérbios e num pequeno maço de recortes de jornais. Também havia ali algumas imagens que Knulp encontrara em revistas semanais e recortara. Duas delas eram suas favoritas e estavam cheias de vincos, surradas de tanto manuseio. Uma trazia a atriz Eleonora Duse e a outra, um veleiro num mar bravio, com um vento forte. Desde menino Knulp tinha um apreço pelos nórdicos e pelo mar, e muitas vezes rumara para aquela direção, chegando até Braunschweig em certa ocasião. Mas esta ave migratória, que estava sempre em viagem e nunca se assentava por mais tempo em nenhum lugar, tinha uma curiosa ansiedade e um amor à terra natal que sempre a faziam rumar rapidamente para o sul da Alemanha. Pode ser também que sua atitude despreocupada se perdesse quando ele chegava a lugares com dialetos e costumes estranhos, lugares onde ninguém o conhecia e lhe era mais difícil manter em ordem a lendária caderneta.

Ao meio-dia o mestre peliceiro trouxe sopa e pão. Entrou em silêncio e falou num sussurro assustado, julgando que Knulp estivesse enfermo, pois ele mesmo, desde as doenças da infância, nunca tinha ficado na cama durante o dia. Knulp, que já se sentia muito bem, não se deu ao trabalho de explicar nada e assegurou apenas que no dia seguinte estaria saudável e de pé.

No fim da tarde bateram à porta, e como Knulp cochilava e não respondia nada, a esposa do mestre entrou no quarto com cuidado e colocou sobre o banquinho ao lado da cama, no lugar do prato de sopa vazio, uma xícara de café com leite.

Knulp, que ouvira muito bem quando ela entrou, seguiu deitado de olhos fechados, fosse por cansaço ou por capricho, e não a deixou notar que estava acordado. Com o prato vazio na mão, a mulher lançou um olhar para o homem adormecido, cuja cabeça descansava sobre o braço semicoberto pela manga de sua camisa xadrez azul. Ao notar a delicadeza dos cabelos escuros e a beleza quase infantil daquele rosto despreocupado, ela ficou por

um instante contemplando o belo rapaz, sobre o qual o mestre lhe contara tantas coisas maravilhosas. Acima dos olhos fechados, viu as sobrancelhas densas na testa macia e clara, as bochechas magras mas coradas, a boca fina de um vermelho brilhante, o pescoço esguio — e tudo lhe agradava. Pensou na época em que era garçoneiro na Ochsen, quando uma alegria de primavera a acometia e ela se deixava amar por algum garoto estrangeiro tão bonito como aquele.

Quando a mulher se inclinou um pouco para a frente a fim de espiar o rosto inteiro, ainda em devaneios e levemente excitada, a colher de estanho escorregou do prato e caiu no chão, o que a assustou terrivelmente em meio ao silêncio e à clandestinidade embaraçosa daquele lugar.

Knulp então abriu os olhos, devagar e dissimuladamente, como se saísse de um sono profundo. Levantou a cabeça, pôs as mãos sobre a testa por um instante e disse com um sorriso: “Veja, se não é a senhora! E me trouxe um café! Um café bom e quente, era com isso que eu sonhava agora mesmo. Bem, muito obrigada, sra. Rothfuss! Saberá me dizer que horas são?”.

“Quatro”, ela disse com pressa. “Agora beba enquanto o café está quente, depois eu volto para buscar a xícara.”

E assim retirou-se com rapidez, como se não tivesse um minuto a perder. Knulp a seguiu com o olhar e a escutou desaparecer apressada escada abaixo. Ficou com os olhos pensativos e balançou a cabeça várias vezes, depois soltou um leve assobio de passarinho e voltou ao seu café.

Uma hora depois do anoitecer, porém, ficou entediado; sentia-se bem e estava soberbamente descansado. Já tinha vontade de encontrar as pessoas. Levantou-se contente e se vestiu, desceu as escadas no escuro sem fazer barulho, como uma raposa, e saiu despercebido da casa. O vento sudoeste ainda soprava forte e úmido, mas não chovia mais, e no céu se viam grandes brechas de luz e claridade.

Knulp flanava pelas ruas noturnas e pela praça deserta do mercado inspirando o ar puro, até que parou diante do portão aberto de uma ferraria. Viu os aprendizes que arrumavam o lugar e travou uma conversa com os artífices enquanto esquentava as

mãos frias sobre o vermelho-vivo da fornalha que se extinguia. Depois perguntou sobre seus vários conhecidos na cidade, informou-se sobre os óbitos e os casamentos e deixou que o mestre ferreiro o tomasse por um de seus colegas, afinal era versado na linguagem e nos gestos de identificação de todos os ofícios.

Enquanto isso, a sra. Rothfuss preparava a sopa do jantar, fazendo as bocas de ferro do fogãozinho tilintarem e descascando batatas, e quando tudo ficou pronto e a sopa estava segura sobre o fogo brando, ela foi para a sala com a lamparina da cozinha e pôs-se diante do espelho. Encontrou ali o que procurava: um rosto cheio, com bochechas saudáveis e olhos cinza-azulados, e com os dedos habilidosos arrumou onde o cabelo não lhe parecia bem. Então esfregou mais uma vez no avental as mãos que acabara de lavar, pegou a lamparina e subiu ligeira para o sótão.

Bateu de leve na porta do quarto do visitante, e de novo, um pouco mais forte, mas como não obteve resposta depositou a lamparina no chão e, com todo cuidado, abriu a porta com as duas mãos, de modo que não rangesse. Entrou na ponta dos pés, deu um passo e tateou pelo banquinho ao lado da cama.

“O senhor está dormindo?”, perguntou à meia-voz. E mais uma vez: “O senhor está dormindo? Só quero recolher a louça”.

Como tudo permanecia quieto e não se ouvia nem uma respiração, ela esticou a mão em direção à cama, porém logo a puxou de volta, com um estranho sentimento, e correu para buscar a lamparina. Ao ver o quarto vazio e a cama arrumada com capricho (até os travesseiros e o edredom de penas haviam sido impecavelmente afofados), ela voltou correndo para a cozinha, desconcertada, com um misto de medo e decepção.

Meia hora depois, quando o mestre já voltara para o jantar e a mesa estava posta, a mulher começou a ficar preocupada. Não teve, contudo, coragem de contar ao marido sobre sua visita ao quartinho do sótão. Mas logo se ouviu o portão ranger, e passos suaves soaram pelo corredor pavimentado e pela escada curva. Knulp apareceu, tirou o belo chapéu de feltro marrom da cabeça e desejou boa noite.

“Ora, mas de onde você vem?”, disse o mestre surpreso. “Doente e andando à noite por aí! Assim você pode atrair a morte.”

“Tem toda razão”, disse Knulp. “Olá, sra. Rothfuss, cheguei na hora certa. Senti o cheiro da sua sopa maravilhosa já da praça do mercado, acho que ela me ajudará a espantar a morte.”

Sentaram-se para comer. O dono da casa estava falante e se gabava da sua vida doméstica e da condição de mestre. Provocou o convidado e depois lhe falou novamente com seriedade, disse que deveria encerrar de uma vez por todas essa vida de perambular e não fazer nada. Knulp escutou e pouco respondeu, e a mulher não disse uma palavra. Estava irritada com o marido, que lhe parecia grosseiro ao lado do belo e bem-educado Knulp, e mostrou a boa impressão que tinha do hóspede pelo modo muito atencioso com que o servia. Quando soaram as dez horas no relógio, Knulp disse boa-noite e pediu a navalha de barbear emprestada ao mestre.

“Como você é asseado”, exclamou Rothfuss, enquanto lhe entregava a navalha. “Mal começa a lhe coçar o queixo, já precisa fazer a barba de novo. Bem, uma boa noite e melhoras!”

Antes de entrar em seu aposento, Knulp se debruçou sobre a janelinha no topo da escada do sótão para dar uma olhada no tempo e na vizinhança por mais um instante. Quase não havia vento e, entre os telhados, se avistava um pedaço negro de céu no qual reluziam estrelas nítidas, úmidas e cintilantes.

Já ia recolher a cabeça para fechar a janela quando, de repente, uma janelinha se acendeu do outro lado da rua, numa casa vizinha. Viu um quartinho de teto baixo semelhante ao seu, por cuja porta entrava uma jovem empregada, uma vela num candelabro de latão em uma mão e, na outra, um grande jarro de água, que ela depositou no chão. A moça acendeu a vela sobre sua cama estreita de criada, leito modesto porém limpo que, com um cobertor grosso de lã vermelha, convidava ao sono. Largou o castiçal, não se via onde, e sentou-se sobre um baú baixo pintado de verde, o mesmo que todas as empregadas tinham.

Para não ser visto, Knulp apagou a sua luz ligeiro, tão logo a cena inesperada começou a se desenrolar, e ficou parado

espreitando pela janelinha.

A jovem criada em frente era do tipo que lhe agradava. Devia ter dezoito ou dezenove anos, não muito alta, um belo rosto moreno, boca pequena, olhos castanhos e cabelos escuros e cheios. O rosto plácido e agradável não parecia nada feliz, no conjunto ela se mostrava bastante preocupada e triste, sentada sobre seu duro baú verde, de modo que Knulp, que conhecia o mundo e também as garotas, podia adivinhar que a moça não estava havia muito tempo com seu baú em terras estrangeiras e que deveria sentir saudades de casa. As mãos morenas e magras repousavam sobre seu colo, e ela buscava um consolo fugaz ao se sentar por um momento sobre seus poucos pertences, pensando na sala da casa de seus pais.

De sua janela, Knulp permanecia tão imóvel quanto a moça em seu quarto. Olhava com um espanto maravilhado para aquela vida humana desconhecida, que guardava tão inocentemente sua linda angústia sob a luz das velas, ignorando a existência de um espectador. Notou os olhos castanhos e de boa índole ora escurecendo, sinceros, ora se cobrindo sob os longos cílios, e a luz vermelha brincando suavemente nas bochechas coradas e infantis; observou as mãos magras e jovens, como estavam cansadas e como gostariam de adiar a última tarefa, o despir-se, enquanto descansavam sobre o vestido de algodão azul-escuro.

Por fim, com um suspiro a moça levantou a cabeça, a pesada trança enrolada como um ninho, lançou ao vazio um olhar pensativo e não menos preocupado e se curvou para desatar os sapatos.

Knulp não queria sair de onde estava, no entanto lhe parecia errado e quase grotesco observar a pobre criança se despir. Gostaria de chamá-la, de conversar um pouco com ela e dizer algum gracejo que a fizesse ir para a cama um pouco mais feliz. Porém temia que ela ficasse assustada e rapidamente assoprasse a vela no momento em que ele atraísse sua atenção.

Em vez disso, Knulp passou a exercitar um de seus muitos dotes artísticos. Começou a assobiar de modo infinitamente delicado e suave, como se o som viesse de muito longe — era a canção “Numa relva fria, a roda do moinho gira” —, e conseguiu

fazê-lo tão delicada e suavemente que por um bom tempo a garota escutou o som sem saber bem do que se tratava, e apenas no terceiro verso ela se virou, levantou-se e foi até a janela.

Pôs a cabeça para fora e ficou ouvindo, enquanto Knulp seguia assobiando baixinho. A moça acompanhou com a cabeça alguns compassos da melodia, até que, de repente, olhou para fora e identificou de onde vinha a música.

“Tem alguém aí?”, ela perguntou sussurrando.

“Apenas um ajudante de peliceiro”, ele respondeu, também discretamente. “Não quero atrapalhar o sono da moça. Tenho só um pouco de saudades de casa, por isso assobio esta canção. Porém conheço outras mais alegres... Você também não é daqui, mocinha?”

“Sou da Floresta Negra.”

“Sim, da Floresta Negra! Também venho de lá, somos conterrâneos, então. E o que acha aqui de Lächstetten? Eu não gosto nem um pouco.”

“Ah, nem tenho como dizer, cheguei há apenas oito dias. Mas também não me parece muito bom. O senhor está aqui faz tempo?”

“Não, só três dias. Mas conterrâneos devem se tratar por você, não?”

“Não, não posso, nós não nos conhecemos.”

“Ainda não, mas pode acontecer. A montanha e o vale não se aproximam, mas as pessoas, sim. De onde a senhorita vem?”

“O senhor não há de conhecer.”

“Quem sabe? Ou é um segredo?”

“Achthausen. É só uma aldeia.”

“Mas uma linda aldeia, não? Logo na esquina fica uma capela, e também há um moinho, ou uma serraria?, e lá vocês têm um grande cão são-bernardo amarelo. É ou não verdade?”

“O Bello, sim!”

Ao ver que ele conhecia sua terra natal e que havia estado ali de fato, boa parte da desconfiança e do mal-estar se afastou da jovem, que ficou bastante animada.

“O senhor também conhece Andres Flick?”, perguntou apressada.

“Não, não conheço ninguém lá. Mas imagino que seja o pai da senhorita?”

“Sim.”

“Muito bem, então eis a srta. Flick, e, se agora eu souber o seu primeiro nome, posso lhe escrever uma carta na próxima vez que for a Achthausen.”

“O senhor já quer ir embora daqui?”

“Não, não quero, mas quero saber seu nome, srta. Flick.”

“Ora, mas eu também não sei o nome do senhor.”

“Sinto muito, mas isso é fácil de resolver. Meu nome é Karl Eberhard, e quando nos encontrarmos novamente durante o dia a senhorita já sabe como me chamar. E como eu devo chamá-la?”

“Barbara.”

“Está certo, muito obrigado. Porém seu nome é difícil de se pronunciar, e quase tenho vontade de apostar que todos a chamam de Bärbele em casa.”

“Eles me chamam assim mesmo. Mas, se o senhor sabe quase tudo, por que faz tantas perguntas? Bem, já é hora de encerrar. Boa noite, peliceiro.”

“Boa noite, srta. Bärbele. Durma bem, vou seguir assobiando, só porque se trata da senhorita. Não precisa fugir, não custa nada.”

E, de imediato, começou a assobiar uma frase elaborada, à moda tirolesa, com tons duplos e trinados que cintilavam como em uma música feita para dançar. Impressionada com a habilidade de Knulp, a moça escutou com atenção e, quando de novo se fez silêncio, fechou as persianas e as trancou sem fazer barulho, enquanto Knulp rumava para seu quarto no escuro.

Pela manhã, Knulp acordou cedo e pôs em uso a navalha do peliceiro. O mestre, porém, há anos cultivava uma barba espessa, de sorte que a peça estava tão imprestável que Knulp precisou gastar uma meia hora afiando-a em seus suspensórios para conseguir se barbear. Quando ficou pronto, vestiu o paletó, levou as botas nas mãos e desceu para a cozinha, que já estava aquecida e recendia a café.

Pedi escova e graxa à esposa do mestre, para lustrar as botas.

“Que bobagem!”, ela exclamou, “isso não é trabalho de homem. Deixe que eu faça.”

Mas ele jamais permitiria aquilo, e quando ela, com uma risada desconcertada, por fim colocou o material de engraxar diante dele, Knulp fez o trabalho com esmero, asseio e de modo lúdico, como um homem que faz trabalhos manuais apenas raramente e quando tem vontade, desempenhando a tarefa, nessas ocasiões, com todo cuidado e alegria.

“Dá gosto de ver”, elogiou a mulher e olhou para ele. “Tudo brilhando, como se o senhor fosse encontrar a namorada.”

“Oh, eu adoraria fazer isso.”

“Acredito que sim. O senhor certamente tem uma muito bonita.” Ela sorriu de novo, insinuante. “Talvez até mais de uma?”

“Oh, isso não seria certo”, Knulp a repreendeu com simpatia. “Posso mostrar uma foto dela para a senhora.”

Ela se aproximou ansiosa enquanto ele tirava do bolso do peito sua pastinha de oleado para procurar o retrato de Duse. A mulher observou a foto com interesse.

“Ela é muito fina”, elogiou com cautela, “quase uma verdadeira dama. Só parece muito magra. Ela tem boa saúde?”

“Até onde sei, sim. Bem, agora vamos encontrar o velho, posso ouvi-lo na sala.”

Subiu e cumprimentou o peliceiro. A sala fora varrida e parecia acolhedora e caseira, com o lambri claro, o relógio, o espelho e as fotografias na parede. Uma sala tão limpa, pensou Knulp, não é uma má ideia no inverno, mas não valia a pena se casar só para isso. Ele não se encantava de modo algum com os agrados que a esposa do mestre lhe fazia.

Depois de tomar o café com leite, acompanhou Rothfuss ao pátio e ao alpendre e deixou que lhe mostrasse todo o curtume. Knulp conhecia quase todos os ofícios e fazia perguntas tão informadas que deixavam o amigo impressionado.

“Como é que você sabe de tudo isso?”, perguntou com vivacidade. “Pode-se mesmo pensar que você trabalha ou um dia já trabalhou com couro.”

“Aprende-se todo tipo de coisa quando se viaja”, Knulp disse, comedido. “A propósito, tudo que sei sobre curtume aprendi com você, meu mestre, não se lembra? Há seis ou sete anos, quando viajamos juntos, você me contou tudo.”

“E você ainda se lembra de tudo?”

“Em parte, Rothfuss. Mas não quero mais atrapalhá-lo. Pena, eu gostaria de ter ajudado um pouco, mas o curtume é demasiado úmido e abafado, e ainda estou tossindo bastante. Bem, até logo, meu velho, vou dar um pulo na cidade, antes que chova.”

Rothfuss parou na porta e observou Knulp deixar a casa e caminhar devagar pela ruela do curtume em direção à cidade, com seu chapéu de feltro marrom levemente inclinado para trás. Estava perfeitamente penteado, ia com seu andar leve e divertido e evitava com todo cuidado as poças de água da chuva.

“Ele tem sorte, na verdade”, pensou o mestre com uma pontinha de inveja. E, enquanto caminhava para seus fossos, pensava no amigo excêntrico que não queria nada da vida além de ser um espectador, e Rothfuss não sabia dizer se aquilo era uma atitude ambiciosa ou modesta. Quem trabalha e consegue prosperar tem uma vida melhor, em muitos sentidos; no entanto, ele nunca teria mãos tão belas e macias ou andaria com tamanha leveza e graça. Não, Knulp tinha razão em seguir o que mandava sua natureza, e eram poucas as pessoas que podiam agir como ele. Estava certo em falar com desconhecidos como se fosse uma criança e assim os conquistar, certo em dizer coisas belas para as mulheres de todas as idades e em fazer de conta que todos os dias eram domingo. Era preciso deixá-lo ser o que era, e, caso o amigo estivesse mal e precisasse de abrigo, seria um prazer e uma honra recebê-lo — e era quase preciso ser grato por isso, pois ele tornava a casa alegre e solar.

Enquanto isso, seu convidado caminhava curioso e satisfeito pela cidadezinha, assobiando uma marcha de soldado entre os dentes. Começou a visitar sem pressa os lugares e as pessoas que ele conhecia de antes. Primeiro rumou para o subúrbio, situado numa área íngreme, onde conhecia um pobre alfaiate que vivia só de remendar calças velhas e quase nunca recebia a encomenda

de um terno novo, o que era uma pena, pois era habilidoso e tivera grandes expectativas no início da carreira, quando trabalhou em boas oficinas. Mas casou-se cedo e logo arranhou uns tantos filhos, e a mulher tinha pouco talento para as tarefas do lar.

Knulp encontrou o alfaiate Schlotterbeck no terceiro andar de uma casa de fundo no subúrbio. A pequena oficina ficava suspensa no ar como um ninho de pássaro, pois a casa fora construída na encosta do vale e, quando se olhava pela janela, não se viam apenas os três debaixo, mas também os jardins íngremes e os prados cobertos de relva na montanha vertiginosamente mais abaixo, terminando em uma confusão cinza de quintais, galinheiros e currais de cabras e coelhos, e os telhados mais próximos que se avistavam estavam muito além dessa área negligenciada, profunda e pequena do vale. Mas a oficina do alfaiate era cheia de luz e arejada, e, sobre sua mesa ampla perto da janela, o diligente Schlotterbeck empoleirava-se altivo e reluzente no topo do mundo, como o atalaia de um farol.

“Salve, Schlotterbeck”, disse Knulp ao entrar, e o mestre, cego com a luz, apertou os olhos para enxergar algo na direção da porta.

“Oh, Knulp!”, exclamou entusiasmado e estendeu a mão ao visitante. “De novo na região? Aconteceu alguma coisa para que você tenha subido até aqui?”

Knulp apanhou um banquinho de três pés e sentou-se.

“Dê aqui uma agulha e um pouco de linha, porém marrom e da melhor qualidade, quero fazer uma inspeção.”

Assim, ele tirou o paletó e o colete, procurou a ponta da linha, passou pela agulha e inspecionou com olhos atentos todo o seu terno, que ainda parecia muito bom e quase novo, e consertou com seus dedos diligentes cada parte mal-ajambrada, cada viés solto e cada botão que não estava bem preso.

“E no mais, como estão as coisas?”, perguntou Schlotterbeck. “A época do ano não é das melhores. Mas quando se está bem de saúde e não se tem família...”

Knulp pigarreou agressivamente.

“Sim, sim”, ele disse. “O Senhor faz chover sobre os justos e